

Campinas n'A Onda: um estudo da representação da cidade em páginas de revista (1921-1924)

Lívia Cristina Corrêa¹

O momento em que surge a revista *A Onda*, início do século XX, é caracterizado pela bibliografia sobre a história da imprensa como de intensas transformações nesse setor, principalmente devido aos avanços técnicos e novos recursos de impressão. Um processo que, segundo o trabalho clássico de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, iniciara-se no final do século XIX e que vinha transformando as pequenas folhas periódicas em grandes empresas jornalísticas, “com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função.” (SODRÉ, 1966: p. 315) O desenvolvimento dos meios de comunicação com a utilização do telégrafo, do cabo submarino e depois do telefone, somado ao aperfeiçoamento dos métodos de impressão resultava na divulgação da notícia e da informação de forma cada vez mais rápida e com maior qualidade. Principalmente as revistas ditas “de variedades” se beneficiaram das novas tecnologias no que diz respeito à utilização de novos recursos de impressão e artes gráficas, ganhando em qualidade, cor e variedade. A intensa vinculação de imagens nos periódicos, enriquecendo ainda mais as publicações, colaborou para que este gênero se difundisse na sociedade, consequentemente ampliando o público leitor ou mesmo analfabeto que recebia as mensagens através das imagens. (Cf. MARTINS, 2001)

Esse processo pode ser bem percebido na trajetória da imprensa campineira, principalmente no gênero revista. É significativo nesse sentido que o lançamento d'A *Ondano* ano de 1921 foi acompanhado com certa desconfiança e precaução por parte dos intelectuais locais e até mesmo por seus fundadores. Havia uma crença de que não se conseguia lançar e manter uma revista em Campinas, pois muitas tentativas anteriores haviam fracassado, muito provavelmente pela precariedade do meio editorial. Essa questão pode ser encontrada nos próprios textos de caráter editorial d'A *Onda*, mais precisamente durante o seu primeiro ano de circulação:

¹ Graduada em História e Mestranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bolsista FAPESP.

Sem alarde, modestamente, seguindo um plano detidamente estudado, a 1º de Maio do anno passado surgiu A Onda e, posto que encontrasse o ambiente saturado de prevenção contra a probabilidade do exito – consequencia do fracasso de tantas iniciativas irmãs – sentiu desde logo um como favonio de bonança, traduzido em applausos e no exgottamento rápido, impensado, de sua edição.(A Onda, ano I, n. 18, 29 de Janeiro de 1922)

Esse novo cenário mais favorável pode ter sido decisivo para a iniciativa dos fundadores da revista que souberam se aproveitar dos novos recursos disponíveis e, desta forma, colocarem-se junto as novidades do momento. A revista *A Onda* foi lançada na cidade de Campinas em 1º de maio de 1921 pela iniciativa de dois funcionários da agência local da Caixa Econômica do Estado, Domingos de Andrade e Victor Caruso (1888-1967). O primeiro, natural da cidade de São João da Boa Vista, é caracterizado por alguns autores como tendo pouca familiaridade com as letras, sendo mais um entusiasta das atividades da imprensa. (MARIANO, 1972: p. 56) Já Victor Caruso, natural de Campinas, exercia também a atividade de escritor, sendo autor de três obras já impressas na cidade², além de tradutor avulso do poeta italiano do século XIX, Trilussa. (GOMES, 1992: p. 25) O empreendimento pode ser entendido como um projeto em conjunto, fruto da amizade entre ambos, a partir do qual, entre outras possibilidades, poderiam dar publicidade aos seus projetos. Também integravam o grupo o caricaturista Manolo Romano (1895-1955) e alguns nomes ligados ao ensino público e comércio locais.

A Onda pode ser caracterizada como uma revista de variedades, pois abarcava diversos assuntos de forma leve e condensada, sendo constituída por crônicas, poesias, contos, epigramas, além do grande número de ilustrações como charges, caricaturas e fotografias. A revista surge, no entanto, com seu programa específico voltado para o humorismo. Provavelmente pelo fato de um de seus fundadores, Victor Caruso, ser um poeta que seguisse essa linha, mas também, possivelmente, talvez uma revista voltada para o humor poderia alcançar maior público e conseqüentemente vender mais. O humorismo propagado pel'*A Onda* era caracterizado por seus fundadores como sendo

²Para ler no trem (1911), Versos (1914) e De barriga pro ar (1915).

“sadio”, ou seja, sem ofensas ou acusações, não oferecendo nenhum risco a ordem pública. De acordo com Eustáquio Gomes, seus redatores mantinham relações com o PRP, que governava a cidade. (GOMES, 1992: p. 26) Sendo assim, suas piadas eram voltadas, essencialmente, para a observação satírica do comportamento e personalidade de figuras de relevo da cena local, como também sobre os novos hábitos trazidos com a modernidade. Também recebia colaborações dos leitores, mas estas tinham que obedecer a esse seu programa voltado para o humor. Duas passagens dão conta do tipo de matéria privilegiada pelos redatores:

Não é necessário muito talento para colaborar A Onda. Basta que nos mande qualquer produção original, breve e com uma pouca graça. Damos sempre acolhida a trabalhos curtos, que têm a vantagem de não fatigar quem os revê e quem os lê. (A Onda, ano I, n. 3, 5 de junho de 1921)

Nem a piada chula, nem a mofina soez, ou o mexerico de aldeia. A pilheria, o trocadilho, a ironia sutil; numa palavra, o humorismo como esgrima delicada, que seja mais que um divertimento afidalgado e menos que um desforço de rivaes. (A Onda, ano II, n. 1, 1 de maio de 1922)

Era impressa nos fundos da Casa Genoud, importante estabelecimento comercial da cidade que se caracterizava como livraria, tipografia e abrangia seções desde perfumaria até instrumentos musicais, e que por esses motivos, legou a revista uma apresentação gráfica de melhor qualidade. Era um local que aglutinava os intelectuais, sendo o principal ponto de encontro de escritores, jornalistas, poetas e músicos que ali discutiam as novidades literárias e a política em geral. (Cf. GOMES, 1992; BATTISTONI FILHO, 2008; PUPO, 1982). Nesse sentido, é interessante pensar nas redes de sociabilidades que uniam os responsáveis e colaboradores da revista. Como apontam Angela de Castro Gomes e Tania Regina de Luca, é importante estabelecer as conexões, as estruturas que dão forma ao campo intelectual e a lógica de constituição dos grupos. Fazem parte desse circuito os ambientes de convívio e sociabilidade como as redações, casas de comércio, cafés, livrarias, como espaços agregadores, onde os responsáveis pelos periódicos se reuniam em torno de projetos coletivos, para a discussão de idéias e talvez colocá-las em prática, interferindo diretamente no espaço

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

público e no cotidiano da cidade. (Cf. DE LUCA, 2008; GOMES, 1996) No caso d'*A Onda*, tratavam-se em sua maioria de literatos e caricaturistas ligados ao comércio e ensino público locais. Mas a revista também se preocupava em veicular produções de literatos conhecidos como o regionalista Cornélio Pires (que visitava a cidade para realizar suas conhecidas conferências caipiras), Belmiro Braga, Amadeu Amaral e também o humorista Bastos Tigre.



Capa do primeiro número da revista *A Onda*, em 1º de maio de 1921, com caricatura de Manolo Romano sobre a moda das saias curtas.

É importante salientar que a trajetória d'*A Onda*, que durou de maio de 1921 a julho de 1924, pode ser dividida em duas fases: num primeiro momento, enquanto Victor Caruso é o redator-chefe e sua orientação é voltada para o humorismo, e uma outra fase, a partir de meados de 1923, quando a revista passa a receber a colaboração de Hildebrando Siqueira, um jovem poeta futurista da cidade, momento em que o periódico tende mais para a literatura modernista. Meses depois, o próprio Hildebrando passa a ser o seu redator principal. O motivo foi a saída de Victor Caruso que se muda para a cidade de Orlândia para ocupar o cargo de secretário da Câmara Municipal. Este, contudo, não abandona *A Onda* totalmente, a qual continua publicando textos de sua autoria. Na verdade, havia um embate entre ambos os redatores em relação às ideias futuristas. Caruso tinha uma visão crítica em relação ao movimento, enquanto

Hildebrando Siqueira era um dos expoentes do gênero na cidade. Eustáquio Gomes aponta para a possibilidade de Victor Caruso ter a intenção de criar uma atmosfera de cosmopolitismo na cidade, colocando Campinas no centro dos acontecimentos. Divergências a parte, isso não impede que a revista ganhe com Hildebrando uma outra feição, tendendo mais para a literatura modernista. (Cf. GOMES, 1992; PUPO, 1990)

Acredita-se que *A Onda*, por suas condições de produção e circulação, possui uma importância significativa para o estudo da cidade de Campinas na década de 1920. Momento em que se verificava na cidade um impulso de crescimento econômico proporcionado pelo comércio e indústria, e que aparecia aos contemporâneos na forma de melhoramentos urbanos, energia elétrica, artefatos modernos como o automóvel e o cinema, entre outros. A importância desse momento pelo qual passava a cidade é relacionada com a importância da própria revista:

Campinas, com sua população de 50.000 almas; cidade intellectual, berço da arte, pôde manter uma revista moderna, á altura do seu progresso, como A Onda. Venceu um anno e vencerá vários outros, porque realizou o milagre de uma revista compativel com o desenvolvimento da nossa cidade e com a cultura do nosso povo. (A Onda, ano II, n. 1, 1º de maio de 1922)

Além disso, por sua característica de documento múltiplo, agregando numa mesma publicação diferentes tipos de registro como o textual, o iconográfico e o extra-textual, no caso das propagandas, a revista torna-se um objeto privilegiado para o estudo das representações que seus realizadores construíam, neste caso, da cidade de Campinas, suas formas de ver a cidade. Sendo assim, um primeiro fator que se destaca nesse estudo das relações entre a revista e a cidade é o papel fundamental e a importância exercida pelo comércio, representado pela grande quantidade de anúncios e até pela menção aos estabelecimentos e seus proprietários dentro dos próprios textos. É este que abre a publicação, com as primeiras e as últimas páginas reservadas para a veiculação da publicidade. Nesse sentido, uma outra característica desse momento na história da imprensa é o fato de as folhas passarem a depender cada vez mais dos anunciantes como forma de sustentação. Diferentemente do período anterior em que predominava o capital obtido através das assinaturas e da venda avulsa.

Na década de 1920, a cidade de Campinas, que desde o último quartel do século XIX caracterizava-se como uma economia essencialmente cafeeira, apresenta um grande crescimento industrial, ampliando sua capacidade produtiva. Esse crescimento é caracterizado pela diversificação das atividades com a implantação de novos ramos e setores, agora não somente relacionados à cultura do café. (Cf. SEMEGHINI, 1988) Diferentemente da década anterior, em que nenhuma fábrica de certa importância foi montada, o grande número de estabelecimentos fabris que surgem a partir de 1920, é consequência de incentivos fiscais e da cessão de terrenos por parte do poder público. (Cf. GODÓI, 1952) O ramo de maior crescimento foi o têxtil, representado principalmente pela fábrica Carioba, no distrito de Americana. Ademais, a constante diversificação das atividades urbanas e comerciais, o aumento da população e a crescente urbanização amplificariam esse processo.

Desta forma, a publicidade veiculada na imprensa surge como um elemento de incrementação das demais atividades econômicas, principalmente das novas atividades urbanas, auxiliando na sua divulgação e desenvolvimento. (MARTINS, 2001: p. 166) Um estudo apurado desses elementos denominados “extra-textuais”, mas que também fazem parte da estrutura de impressos como *A Onda*, pode dizer muito da dinâmica econômica da cidade, mas também, no caso desta pesquisa, da forma pela qual a própria revista *A Onda* representava a cidade de Campinas, colocando-a como um lugar em franco desenvolvimento. Duas passagens dão conta da importância que o anúncio possuía na revista e como esta exaltava o comércio local:

A Onda se esmerou sempre em tornar os seus annuncios lidos o mais possivel. Interessa-lhe muito esta parte da revista – a reclame – procurando todos os meios para que os leitores fiquem beneficiados, sabendo que as casas que inserem sua propaganda n’A Onda, são as que mais vantagens lhe offerecem: vendem artigos de primeira qualidade e por preço economico. A Onda nunca publica nem publicará annuncio de casas de segunda ordem e que de facto não prestem serviço aos seus ledores, já por meio da excellencia dos seus artigos, já pela modicidade dos preços. A prova está em que as paginas de annuncios desta revista são tão lidas como as do texto. Isso satisfaz ao commerciante e a nós tambem, animando-nos a adoptar meios –

sempre originaes – de tornar efficaz a nossa propaganda. (A Onda, ano I, n. 16, 25 de dezembro de 1921)

Ao commercioadeantado e progressista de Campinas, ao commercio sem rotinas e archaismos – aos commerciantes inteligentes de nossa terra que, compreendendo o valor da imprensa e das suas divulgações, tiveram a gentileza de nos ajudar, com seus annuncios, a confecção deste numero sem par que ora lançamos á publicidade – ao commercio adeantado e progressista de Campinas, os sinceros agradecimentos da “A ONDA”. (A Onda, ano IV, n. 67, 1 de maio de 1924)

Um outro aspecto da cidade de Campinas privilegiado pela revista diz respeito ao seu ambiente cultural, principalmente em relação aos clubes e centros educacionais. Como presença marcante os profissionais ligados á rede de ensino se destacam como colaboradores mais assíduos. Além disso, muitas das notas satíricas, das crônicas e outros textos da revista fazem referência a esse ambiente escolar. É interessante observar, aliás, a relação direta que os autores estabelecem entre o fato de Campinas ser, considerada por eles, uma cidade de cultura e terra fértil para as manifestações artísticas, o seu progresso material e, a partir de agora, o estabelecimento de uma revista moderna como *A Onda*:

Campinas, cuja cultura é conhecida por ahí afóra; terra da arte com estabelecimentos de instrucção secundária em grande quantidade – que por isso mesmo attráem milhares de jovens estudantes –; Campinas cidade que se presa de possuir o Centro de Sciencias, a Cultura Artística, o Gymnasio, a Escola Normal, o Atheneu, o Lyceu e uma infinidade de instituições intellectuais, tem o dever de sustentar uma revista. (A Onda, ano I, n. 10, 25 de setembro de 1921)

Apesar desse discurso de enaltecimento, essa visão vinha junto com certo ressentimento por parte desses mesmos personagens por conta de a cidade, por diversas vezes, não ter proporcionado as condições favoráveis para o desenvolvimento de todo esse potencial artístico. As diversas tentativas anteriores de se fundar em Campinas revistas de caráter similar ao d’*A Onda*, é um exemplo. Os redatores chegam até mesmo

a denominar a cidade de “madrasta das artes”. Ou seja, ao mesmo tempo em que seu terreno é fértil para o florescimento de expoentes artísticos, entre poetas, músicos, pianistas, declamadores, entre outros, muitas vezes esses não encontram os canais e veículos que poderiam proporcionar e facilitar sua ascensão. Isso dá conta da atmosfera particular em que surgiu *A Onda*, onde seu papel seria o de aglutinar e dar vazão a essas produções, mas também de divulgar o cotidiano da cidade e de suas figuras mais proeminentes, tudo de forma leve, descontraída e cheia de humor.

Uma terceira questão interessante observada dentro da revista diz respeito ao diálogo que esta estabelecia com as inovações técnicas e o impacto dessas sobre o comportamento da sociedade, trazendo como consequência novos hábitos. Nesse sentido, foi possível perceber uma certa contradição, pois ao mesmo tempo em que alguns textos e ilustrações tentam mostrar uma cidade urbanizada e moderna, povoada por diversas novidades técnicas, outros textos também mostram uma cidade ainda pacata, com certa atmosfera bucólica, enfrentando inclusive alguns problemas estruturais denunciados principalmente pelas charges. Destemodo, ao mesmo tempo em que, por exemplo, o cinema aparece como uma das maiores inovações da época, todo o conjunto de novos elementos que eram propagandeados pelas fitas, principalmente a moda e os comportamentos dos artistas eram vistos de forma negativa, como fatores que pervertiam a moral e uma cultura por eles privilegiada. Da mesma forma, paralelamente ao progresso que a revista legava à cidade, apareciam comentários satíricos ou charges denunciando questões como a falta de água, o serviço deficiente das linhas telefônicas, o alto preço dos aluguéis, entre outros. Nesse conjunto de representações, importa destacar o papel das revistas de variedades do início do século, como *A Onda*, como veículos importantes de veiculação e divulgação da *novidade*, sua matéria-prima. (COHEN, 2008: p. 111). Tanto de avanços técnicos, de produções no campo cultural, quanto dos novos hábitos, que apesar de gerarem polêmicas eram vistos como símbolos dos novos tempos. Nesse sentido, o próprio título da revista *A Onda*, pode apontar nessa direção, levando-se em conta um dos significados que a palavra onda assumia nessa época, ou seja, moda.

Em meados de 1924 a revista *A Onda* encontra seu fim. Os verdadeiros motivos para o fechamento da revista ainda são incertos, mas tudo leva a crer que a remoção de

Domingos de Andrade da agência local da Caixa Econômica e sua mudança para São Paulo foram fatores determinantes. A revista que já não contava com a presença diária de um de seus fundadores, Victor Caruso, sente também a perda da figura de seu administrador. Especula-se também que o movimento armado ocorrido em São Paulo em julho de 1924 tenha contribuído para a paralização temporária da publicação, mas que acabou se mostrando definitiva. No entanto, apesar de seu breve período de circulação, *A Onda* acabou se tornando uma publicação extremamente significativa para a memória local, sendo mencionada em diversas narrativas memorialísticas sobre a cidade de Campinas. Fator que contribui para a sua relevância como documento de estudo da sociedade campineira do período. Além disso, considera-se de extrema importância tentar compreender o significado da revista *A Onda* no quadro mais amplo do impresso no Brasil, suas condições de produção e circulação, as escolhas de seus realizadores, as representações que contruíam sobre a cidade e de que forma procuravam se inserir no circuito das novidades técnicas e culturais de então, buscando uma atmosfera de modernidade.

BIBLIOGRAFIA

BATTISTONI FILHO, Duílio. *Vida cultural em Campinas: (1920-1932)*. Campinas, SP: Komedi, 2008.

COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos”. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.) *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

DE LUCA, Tania Regina. “A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa”. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *O historiador e seu tempo*. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2008.

DE LUCA, Tania Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina. (Orgs.) *História de imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

GODÓI, Silvino de. “A Indústria em Campinas”. In: *Monografia Histórica do Município de Campinas*. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1952.

GOMES, Angela Maria de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getulio Vargas, 1999.

GOMES, Eustáquio. *Os rapazes d’A Onda e outros rapazes: modernismo, técnica e modernidade na província paulista: 1921-1925*. Campinas: Pontes/UNICAMP, 1992.

MARIANO, Julio. *Historia da imprensa em Campinas*. Campinas: Massaioli, 1972.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*. São Paulo (1890-1922). – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

PUPPO, Benedito Barbosa. “O pitoresco na imprensa campineira”. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, n. 139, pp. 217-221, jul/set, 1990.

PUPPO, Benedito Barbosa. “Alguns aspectos culturais de Campinas no início do século”. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas, n. 108, pp. 273-286, out/dez, 1982.

SEMEGHINI, Ulysses C. *Campinas (1860-1980): agricultura, industrialização e urbanização*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966.